

# Leituras de Paulo Freire: (ou) considerações sobre os conceitos de teleologia, axiologia e epistemologia

Filipi Vieira Amorim<sup>1</sup>  
Júlia Guimarães Neves<sup>2</sup>

**Resumo:** O ensaio, de natureza teórica, busca dialogar com o pensamento do educador Paulo Freire (1921-1997), apresentando considerações sobre sua pedagogia histórico-social em algumas de suas dimensões, são elas: teleologia, axiologia e epistemologia. A escolha para tal tratativa parte de uma constatação feita pelo próprio educador, em uma entrevista concedida por ele à Revista Ensaio, no ano de 1985, a respeito das dimensões que perpassam o conjunto de sua obra. Num sentido *lato*, a tessitura desse diálogo intenta a investigação reflexiva na tentativa de problematizar o campo da educação para que este esteja, continuamente, revisitando o constructo de suas teorias e concepções pedagógicas. Do mesmo modo, esse tipo de estudo busca fortalecer, por meio da discussão conceitual, a concepção e os princípios de uma Educação Popular Pública.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Teleologia. Axiologia. Epistemologia.

## I

Neste breve texto anunciaremos três dimensões do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire. O objetivo é compreender os caminhos que nos levam à possível compreensão da obra freireana e sua perspectiva social. Do mesmo modo, o trabalho logra um entendimento sobre a perspectiva da pedagogia de caráter histórico-social, ou seja, compreendendo a relevância da obra desse autor e sua interlocução com a pedagógica histórico-social. As dimensões propostas são as seguintes: i) teleologia; ii) axiologia; iii) epistemologia.

A justificativa para a defesa dessas categorias é legítima diante da confirmação feita por Paulo Freire quando indagado sobre os elementos intrínsecos à sua produção bibliográfica e acadêmica. Foi numa entrevista para a Revista

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Biológicas; Mestre em Educação; Doutorando em Educação Ambiental, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Bolsista da CAPES. E-mail: [filipi\\_amorim@yahoo.com.br](mailto:filipi_amorim@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Licenciada em Ciências Biológicas; Especialista em Educação Ambiental; Mestranda em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Bolsista da FAPERGS. E-mail: [juliaaneves@hotmail.com](mailto:juliaaneves@hotmail.com)

Ensaio que Freire afirmou, num diálogo com José Chasin, Rui Gomes Dantas e Vicente Madeira (entrevistadores), que há em sua obra uma proposta metodológica com três eixos: epistemológico, axiológico e teleológico (FREIRE, 1985, p. 22, 23).

Essa noção de metodologia nega o mito do “método Paulo Freire”. A defesa de Paulo está centrada na educação que perpassa uma teoria do conhecimento, que orienta a formação humana para determinado fim e com valores específicos. Porém, isso não significa uma concepção de educação determinista, mas, antes disso, reflete a dimensão política do ato educativo condicionado social e historicamente.

## II

[...] só reconheço a existência de um *lá* por que há a existência de um *aqui*. E não há como chegar lá, a não ser partindo de um *aqui* (FREIRE, 1985, p. 21, *grifos do autor*).

Tomando a afirmação feita na entrevista “Caminhos de Paulo Freire” (FREIRE, 1985), discorreremos sobre a nossa compreensão quanto às dimensões do pensamento freireano, nos eixos já referenciados: teleologia, epistemologia, axiologia.

A epígrafe utilizada defende o movimento de historicidade presente no pensamento freireano. Essa defesa se opõe ao social (econômico, político e cultural) *ahistórico* e estático, pois é um movimento de ida e volta, em espiral, que nega a concepção da sociologia clássica de uma história *a posteriori*, determinista, regida pelas inacessíveis leis da natureza. Reconhecer que existe um *lá* é assumir que, partindo do *aqui*, há busca, há finalidade no pensar e no agir indissociáveis, por isso a historicidade do ser humano, o reconhecimento de que há uma dimensão *a priori* da história. Reconhecer esse significado pressupõe assumir que pensando o futuro, a partir do presente, e reconhecendo que existe um passado construído socialmente pelos seres humanos inseridos no mundo, é real a possibilidade da mudança, da transformação do eu, do outro e do mundo.

Essa abordagem inicial aponta a dimensão teleológica do pensamento freireano. O sentido semântico da teleologia remete ao conceito grego de *telos* (fim, finalidade) em união com *logos* (teoria, ciência). Em Paulo Freire, isso significa orientar, dar sentido, ir em busca de. É o trajeto que liga partir do *aqui* para chegar ao *lá*. O *lá* é desconhecido, mas conhecendo o *aqui* podemos orientar o *lá* que

queremos a partir do nosso *quefazer*. Somos “seres da *práxis* [...] seres do *quefazer*” (FREIRE, 2014b, p. 167, *grifos nossos*). A vida humana enquanto *práxis* pressupõe, para o alcance da teleologia, pensar a ação, executar a ação, amparar as consequências da ação. Significa, ao encontro da *práxis* enquanto “reflexão, ação, reflexão”, uma mudança situacional, ou seja, uma transição do ser que emerge do mundo em seu *quefazer* (FREIRE, 2014b).

A questão teleológica não é exclusiva do pensamento freireano, mas difere de outras teleologias quando reconhece para si a interligação desta com a epistemologia e a axiologia. Em função disso, a axiologia encontra a teleologia por tratar de uma teoria dos valores, da influência dos sentidos morais, éticos e estéticos sobre a valorização, em detrimento da desvalorização, de algo pela sociedade. Por exemplo, a dimensão ética do pensamento freireano, enquanto elemento axiológico, valoriza a “ética universal do ser humano” em oposição à ética capitalista. Mas, afinal, de que ética Freire nos fala?

[...] a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro. [...] Falo [...] da ética universal do ser humano [...], que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena [...] falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia (FREIRE, 2014a, p. 17).

Nesse sentido, a axiologia possibilita a teleologia da vida humana enquanto *práxis*, nas dimensões já mencionadas do pensar a ação, executar a ação, e amparar as consequências da ação. A partir do reconhecimento de que existem valores e desvalores, a *práxis* teleológica surge como potencial transformador daquilo que está posto, ou seja, a teleologia axiológica como possibilidade de mudança, o fundamento da transição do ser menos para o *ser mais* (FREIRE, 2014a).

Outro exemplo axiológico do pensamento freireano, em suas palavras (FREIRE, 2014a, p. 71, *grifo do autor*):

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da *esperança* que, por “n” razões, se tornou desesperançado.

Há, nesse excerto, uma clara afirmação de inversão de valores, uma

transmutação axiológica falsa que tem em si uma teleologia que difere da teleologia freireana. Os seres humanos são, por natureza, seres da esperança, a desesperança é que não é natural. O que nos torna, por vezes, seres da desesperança é a desvalorização da esperança como possibilidade real do *ser mais* dos homens e das mulheres em sua *práxis*.

Entre teleologia, axiologia e epistemologia existe um laço existencial e dialógico que os torna diferentes e complementares em sua ontologia. É possível distingui-los, mas não podemos separá-los. Não há hierarquia, há coexistência mútua e retroalimentação. Por isso, pensar a epistemologia no arcabouço do pensamento freireano pressupõe a compreensão de que a produção do conhecimento é atravessada pela teleologia e pela axiologia. Esse é o motivo pelo qual não há hierarquia nessa tríade.

Epistemologia, então, é o modo pelo qual se busca conhecer algo, o chamado objeto cognoscível. É com o desvelar do oculto que emergem as possibilidades do conhecer. O ser que pode conhecer torna-se sujeito cognoscente. Mas a relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível deve ser mediatizada pelo diálogo entre um e outro, sem que o objeto se torne *objetificado* pelo sujeito. Inclusive, ao objeto cognoscível não pode ser negada sua condição existencial e historicamente datada, sob pena de fracionar a totalidade e simplificar a realidade: é essa negligência que transforma o objeto cognoscível em *coisa objetificada*.

### III

Destarte, nesse enlace insubordinável entre sujeitos e objetos do conhecimento e *com* conhecimento, emergem duas indagações: i) o que é o conhecimento? ii) para que e para quem serve o conhecimento?

Para responder estas questões é necessário contextualizar a categoria básica do pensamento freireano que denuncia a estrutura de uma sociedade desigual e fragmentada. Essa base remete à discussão acerca da existência de dois segmentos sociais (econômicos, políticos e culturais): os opressores e os oprimidos. Freire compreende essa relação como uma luta entre classes antagônicas, pois para a manutenção das duas frações é necessário que sejam contrárias e desiguais.

No seio dessa existência está a relação de opressão que possibilita compreender melhor os sentidos do pensamento freireano. Os opressores são os que detêm os meios que possibilitam a manutenção da vida dos oprimidos. São os

donos dos meios de produção e, por consequência disso, a classe que define, na maioria das vezes, a finalidade (teleologia) do conhecimento e os valores da sociedade (axiologia). Mesmo sabendo que existem inúmeros movimentos de luta e de resistência frente aos moldes da sociedade atual, propondo sua transformação, esse modelo antagônico ainda é preponderante.

A resposta às perguntas colocadas anteriormente é unívoca: o conhecimento é um dos elementos que permite a manutenção da classe opressora enquanto opressora, ou seja, tem servido aos opressores como continuidade do *status quo*. O que queremos dizer é que na perspectiva do pensamento freireano o conhecimento deve, necessariamente, servir aos oprimidos, partir deles e voltar-se a eles. A epistemologia, unida à teleologia e a axiologia, em Freire, busca a superação da sociedade de classes como possibilidade ontológica do *ser mais*.

A epistemologia que reconhece a historicidade é problematizadora da existência e da condição humana, por isso a tríade do pensamento freireano, aqui apresentada, possibilita o conhecimento do mundo longe da incidência e da falsidade do mito de um determinismo histórico que naturaliza a desigualdade e a opressão, por sua vez, a ideologia.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. “Caminhos de Paulo Freire” [Entrevista]. **Revista Ensaio**. São Paulo, n.14, 1985.